

setembris
1896

nº 3
t. 3

VII

- «O Sr. Barão...» aventurou Maximo.
— «Não se deve demorar muito... Queiram entrar...»
— «Tememos importuná-la...»
— «De modo algum... Subam... Façam o obsequio...»
— «E' uma ordem, minha senhora?» interrogou Leonidas.
— «Se assim o exige...» replicou Hortencia.

Subiram.

A evocadora monja da Saudade começara de baombar tristemente no coração de Leonidas a inolvidável lembrança do amigo morto, acordando para a sua alma de enamorado as reminiscencias todas de robusta amizade e violento amor. Lembrava-se do companheiro, lembrava-se daquelle cachimbo eloquentissimo, — em sua inanimidade de gesso modelado, — guardando indelevelmente a physionomia adoravel da formosa mulher que apunhalara o artista e era para Leonidas como uma ephialta e um abysmo, como uma esperança e um espectro.

— «Queiram assentar-se... Papae não deve tardar...»

Era o aposento delicioso e confortavel a um tempo : Ao centro, redonda mesa entalhada ; poltronas em torno. A um dos cantos, no angulo formado por duas janellas, custosa e bonita jardineira, — um *aquarium* ao centro, — tendo, em vasos de porcellana finissima, graciosas begonias sombrias, de um bizarismo symbolico. Ao fundo, negra estante de imbuia, as prateleiras reverberando o dourado das lombadas de percaline. Largas janellas, francamente abertas, sem transparentes nem sanefas. Das paredes, pintadas a oleo, pendendo, emmol-duradas em ebano, duas payzagens tropicaes. Muito ar e muita luz.

A Baroneza veio ao encontro das visitas dar-lhes o «boa tarde» de estylo, desculpando-se por não fazer-lhes companhia.

— «Comprehendem, uma dona de casa... Com licença... O Barão não deve tardar.»

— «Queira ter a bondade de se não incomodar por nossa causa.»

— «De modo algum, Sr. Maximo.» E retirou-se, na pujança feminil de uma beleza notavel, envolvendo os rapazes numa voluptuosa atmosphera de perfumes e meigos olhares de ternura extrema.

— «Sr. Leonidas,» — interrogou Hortencia, — «conhece este livro de João Barreira ?»

Leonidas tomou nas mãos o volume que a joven lhe apresentava, encapado em branco, — numa eloquente immaculabilidade de missal Decadista :

GOUACHES

(Estudos e Phantasias)

E mais abaixo :

SPLEEN ET IDEAL

— «Já o li, minha senhora. E' um dos mais preciosos rituaes da Tortura e da Analyse, escripto com incomparavel vigor e correccão admiravel. João Barreira foi de uma dolorosa sinceridade nobilissima. Os *Gouaches* dão á litteratura Portugueza contemporanea a tonica do momento psychico, traduzem com surprehendente nitidez o morbido estado do espirito moderno. Dahi a acceitação incondicional que tem tido essa obra, por quantos sentem e soffrem a Nevrose do Seculo. As Imagens são de uma fidelidade photographica, a Forma castiça e reveladora...»

— «A Forma,—disse-me, ha dias, um sacerdote, amigo de Papae,—é requintada e estulta na eschola Decadente e em toda litteratura moderna...»

— «V. Ex., porem, não concorda com esse veneravel senhor, creio. » Aventurou Maximo.

— «A Forma tem sido, minha senhora,»—proseguio Leonidas,—a Forma tem sido sempre alvo de excommunhões e de esconjurados...» Ora a Egreja condena a Forma por demasiadamente livre; ora a Burguezia desprestigia a Forma por demais opulenta... Não sei por que se move tanta guerra á Forma, ao envez de procural-a interpretar e comprehendêr. E' balda antiga, quando se não aprecia qualquer escriptor, cujo talento seria nescidade negar, maldizer da Forma—dessa tão sublime Forma incomparavel que empresta ás Imagens eloquente nitidez crystallina. Sem Forma, não pode haver Expressão artistica; e tanto mais lucida será a Expressão, quanto mais nitida fôr a Forma. Tire-se a forma aos séres e ás cousas, e os séres e as cousas desapparecerão; apure-se a forma aos séres e ás cousas, e os séres e as cousas se aperfeiçoarão. Descurar da Forma é herezia á Selecção natural, é attentado ao Progresso.

«A Forma hypnotiza. Quanto mais correcta, quanto mais opulenta, quanto menos vulgar,—tanto mais bella, attrahente e impressionadora. Repare V. Exa. na pompa solenne e faustuosa da Egreja cotholica ; repare no magnificente esplendor de seo culto, na torturada architectura de seos templos, na deliciosa encarnação de suas Virgens e Archangos, no piedoso olhar de seos Martyres, na decoração de seos altares ; repare V. Exa. nas multiplas e admiraveis ceremonias da missa, do baptismo e do casamento ; repare V. Exa. no ceremonial funereo, emocionante e poetico,—de uma flagellada poesia da Magoa, cruciante, rhythmada em versiculos feitos de cilicios e de lagrimas, ao grave soluçar estertorante do orgam, por entre o merrorio espiralar do incenso, queimados em thuribulos de prata... Repare V. Exa. que, nas grandes Capitaes, ha templos do Catholicismo quasi exclusivamente frequentados pela nobreza e pela alta burguezia, que lá se apresentam, como se apresentam na *Opera*, em Pariz ; como se apresentam nas praças de touros, na Hespanha.

«Como disse, não comprehendo a razão da guerra que se move à Forma,—á sublime forma incomparavel que empresta ás Imagens eloquente nitidez crystallina.»

—«Plenamente de acordo, Sr. Leonidas.»

—«V. Exa. terá notado, com certeza, a sem razão com que tambem reprovam o escrever-se com letra maiuscula os vocabulos Fatalidade, Dòr, Loucura, Agonia, Magoa e os demais que exprimem e INDIVIDUALIZAM as manifestações de uma Força occulta,—benefica ou terrivel, agindo sobre o Homem,—quando taes vocabulos são empregados como ENTIDADES,—no mesmo sentido, por exemplo, em que a Egreja catholica emprega as palavras Fé, Esperança, Caridade, e etc.»

—«Sim, Sr. Leonidas, tenho notado essa hostilidade que não comprehendo.»

—«Pois bem, minha senhora, nada mais racional, entretanto. A Fatalidade, a Agonia, o Flagello e etc., quando empregados nesse sentido, são substantivos proprios...»

—«Nem precisas ir tão longe, Leonidas, para fundamentar tuas razões. O Costa e Cunha, no *Manual do Examinando de Portuguez*, diz mui claramente, em tratando do emprego da Maiuscula :

«Deve-se escrever maiuscula :

«A inicial dos nomes que representam entes moraes personificados.»—E o Costa e Cunha, como sabes...?»

—«Oh ! Oh ! temos noções de Grammatica...»

-
- «Sr. Barão...»
 — «Sr. Barão...»
 — «Papae...»
 — «Á vontade, meos amigos... estejam á vontade... estejam a gosto... Com que então vou ter a subida honra de os ver sentados á minha meza ?...»
 — «Oh ! por quem é, Sr. Barão !...»

(DARIO VELLOZO).

VIII

Sala de jantar ricamente mobiliada. Atravez as venezianas austeramente cerradas, peneiravam estertorantes raios de sol, que, esbatendo na louça da meza, preparada para a refeição, dava-lhe tons de um dourado finissimo.

As iguarias fumegavam deliciosamente, impregnando o ambiente de calido perfume confortante.

Maximo e Leonidas tomaram logar ao lado direito do Barão. Depois da sopa de aletria, foram servidos de feijão.

Agora que fossem fazendo pela vida, lhes disse o Barão limpando os longos bigodes com a ponta do guardanapo que tinha suspenso do pescoço.

— «Não se incomode, sr. Barão ; saberemos ser dignos convidados de v. ex.» respondeo-lhe Maximo.

— «O sr. Leonidas assim não justifica, pois, me parece, pensa muito...» disse a Baroneza, desfranzindo os labios num gracioso sorriso de mulher aristocrata.

— «E' que meu amigo Leonidas vive mais pelo intellecto, minha senhora, e v. ex. sabe perfeitamente que...» e essas reticencias eivadas de ironia completaram a phrase de Maximo.

— «E' injustiça, minha senhora, é injustiça ; creia v. ex, que estou comendo muito bem.»

O indiscreto tinnido de um timpano, veio interromper a palestra que começara de se animar.

Um creado appareceo, anunciando o Dr. Tancredo.

— «Oh ! o Dr. Tancredo de Albuquerque !... bem vindo seja, conduze-o para aqui. E' um moço muito distinto que vou ter a ventura de lhes apresentar.»

E o Dr. Tancredo appareceo, correcto numa sobrecasca de diagonal preto ; o Barão recebeo-o com visiveis provas de consideração. Depois dos cumprimentos do estylo, tomou logar ao lado de Hortencia.

— «Julgavamos, não quizesse voltar, Dr ; parece que se aclimatou lá pelos *Campos-Geraes*. Ainda hontem falámos a seo respeito.»

— «Oh ! sr. Barão, lizonjeam-me tanto as suas palavras !...»

Leonidas logo que vira entrar o Dr. Tancredo, reconheceo nelle o desconhecido que conduzia Hortencia pelo braço, quando a vira no *Passeio Publico*. E uma revolta de ciumes ca-daverizou-lhe a physionomia.

Hortencia comprehendera. E ella que até então se conservara silenciosa, procurou arrancar Leonidas áquelle inferno de duvidas, entabolando com elle graciosa conversação, provando-lhe assim que a presença d'aquelle sr. Dr. Tancredo era nulla.

Attestava-o a indifferença com que o tratava, indifferença essa notada por seos paes, que não a applaudiam, pois viaim no Dr. Tancredo, o seo futuro genro, o homem que havia de fazer a felicidade de sua filha.

Pobres paes que, quando, muitas vezes, julgam contribuir para a felicidade dos filhos, vão simplesmente escravizal-os ao poste da infelicidade.

O amor não se impõe.

Maximo, que tambem amava Hortencia, porém que nunca tivera a franqueza de o confessar a Leonidas, mordido por ter-rivel ciume, urdia um plano : exploraria o facto, incitaria Leonidas a que abandonasse aquella mulher.

E depois... Depois a marcha dos acontecimentos rezolveria o resto.

O Dr. Tancredo era o verdadeiro typo do bacharel que se julga superior a todos os homens que, como elle, não teem um passaporte de ignorancia, dado por qualquer academia.

Ligara pouca importancia aos convidados do Barão.

— «O que hão de ser ? plebeos, que o Deos do acaso fez sentar á meza de um nobre.»

Hortencia, depois da entrada do Dr. Tancredo, era toda attenção a Leonidas, e aquelle percebera ; sentia o frio glacial dos olhos de Hortencia que se distrahiam, todas as vezes que se voltavam para o seo lado. Não se poude conter, aquillo o incomodava :

— «Esteve doente, D. Hortencia ?»

— «Não senhor.»

— «Vejo-a triste, physionomia de convalescente !»

— «Qual, Dr ! quer saber, a doença de Hortencia ?» disse o Barão rindo gostosamente. «E' saudade, simplesmente saudade.»

Hortencia fitou-o, austera e melancólica, ruborisada pelo sorriso do pae.

— «Mas, saudade de que ou de quem?» disse o Dr. Tancredo, triumphante, «a saudade, como todos os sentimentos da alma, tem a sua origem.»

O Barão vacillou; um presentimento espicaçou-lhe a consciencia, não poude dizer nada; a Baroneza procurou salval-o:

— «Nostalgias de moça, Dr.: saudades vagas e desconhecidas, que a mocidade sente e não explica.»

O Dr. Tancredo, mordeo a guia do bigode; não mais pronunciou uma palavra.

Ergueram-se da mesa.

(JULIO PERNETTA).

IX

De olhar cavo e faces còr de cera, Leonidas parecia interrogar o grande sol de outono que se manifestava num glorioso dia temperado e claro.

Erecto, cotovello apoiado sobre a alta secretaria do gabinete, com a severa ruga da testa denunciando a amarga pressão de espirito em que se achava, Leonidas perdia o tempo em dolorosa rememoração de factos que um dia o fizeram sorrir e amar.

Sentia-se no funesto abandono de um pária, exilado de si proprio, porque a forte carne moça que lhe cobria o esqueleto parecia revoltar-se contra a surda colera aninhada em seo espirito e a elegiaca tristeza de noites claustraes em que sua alma chorava, por horas infinitas, o longo desfilar de cadaveres que haviam sido venturas.

Hortencia fòra pedida em casamento, e o pedido aceito pelo Barão.

O noivo... o noivo... meditava Leonidas, sem saber se a patente inferioridade daquelle obtuso bacharel o consolava no tragico infortunio de desterrado, ou o revoltava mais ainda.

Consôlo... não o tem de forma alguma o desgraçado que amou.

As mais soberbas opulencias sociaes, as eleitas glorias mais consagradas na marmorisação da posteridade, rangem a grilheira do desespero quando um nome de mulher implanta-lhes o seo culto despótico e sagrado.

Hortencia fôra pedida em casamento, repetia elle, e o nome de Maximo vinha-lhe á bocca ao evocar essa lembrança.
Maximo... um bandido!... Sabedor de seo desvario por Hortencia, elegeo-se amigo para fazel-o instrumento de seo amor; cobarde, queria-a tambem, mas impondo o coração pela astucia.

Leonidas comprehendera tudo, mas não baixara a explicações com Maximo.

Maximo... era esse o amigo... Amigo... a mais bella fabula que a insaciabilidade humana inventou para o seo gasto.

Abrio-se a porta e Maximo entrara insistindo, em nome da Baroneza, pela ida de Leonidas á festa com que o Barão celebrava o pedido de casamento do Dr. Tancredo.

Parva ironia do destino.

Um escorralho em figura de homem a torcer-lhe a alma.

Leonidas teve impetos de atirar-se a Maximo, de estrangulal-o ferozmente, e com as unhas em garras abrir-lhe as víceras; olhou-o apenas, demoradamente, fixo, selvagem, e retirou-se atirando-lhe um vocabulo nervoso de colera: — Mizeravel!...

Quando voltou, severo no trage negro, prompto para ir voluntariamente submeter-se ao terrivel cilicio inquisitorial de suas fibras torturadas, estava a sala vasia.

Fechou-a e seguiu.

—
Magestosa na finissima roupagem azul, como se o ceo lhe tivesse sacudido ether enluarado pelos hombros a baixo. Hortencia, pallida, olhava indiferente á obesa multidão de aristocratas vasios que enchia o adamascado salão do palacete.

O candelabro tilintava de leve em cambiante fulguração de prismas accesos, e a luz, banhando em cheio raras telas estranheiras de largas molduras resplandecentes, dava ao salão fidalgo um tom vivo de calor de Dezembro.

Leonidas fizera-se annunciar e, á porta, encontrou logo a Baroneza que lhe estendia solicita a mão enluvada, fazendo-o entrar.

Leonidas não extranhou de todo o amavel acolhimento, pois não ignorava que a carinhosa mãe de Hortencia conhecia o coração da filha e a idolatrava com bastante amor e intelligencia para consentir impassivel que a lorpa vaidade de um titulo, rotulando a classica ignorancia do Dr. Tancredo, viesse amortalhar aquella alma purissima de mulher.

Elle passeou o apaixonado olhar prescurtador de um lado a outro do salão.

Depois de attender ás saudações do Barão e de alguns cavaheiros que o rodeavam, dirigio-se ao gabinete fronteiro onde precioso divan estofado acalmara o seo cansaço physico.

Não vira ainda Hortencia, e comettera mesmo a grosseria de não procural-a para a gentileza das felicitações; lembra-se agora disso; nem á Baroneza, nem ao barão dera os parabens.

— «Hortencia estará alegre?» inquiria Leonidas a si proprio, «aceita este regosijo sacrilego com satisfação, ou finge aceitá-lo?»

Seos olhares procuravam de continuo o salão, esquadrihando portaes e recantos, como para attrahirem, pela misteriosa força da paixão, aquella mulher já mentalisada por elle; entretanto, o nome que sua memoria o fazia repetir, apoz extranha digestão de factos, era o nome de Maximo. Exquizito!

O noivo, o imbecil Tancredo não merecer a o obsequio de uma recordação e de uma revolta; esse queria cazar e nada mais; porém, Maximo amava-a, era uma profanação; e o absoluto egoismo da posse revoltado, em dolorosa contorsão de amor que soffre, num funesto exodo de esperanças, não admittia a intruso algum o direito de amar o seo idolo; e extranhava o facto de Hortencia não romper com a tola exterioridade das formulas sociaes, com o moralissimo preconceito da obediencia filial, para entregar-se a elle, e fugirem como doudos, ruborisados de beijos, escadaria abaixo, fazendo reflectir no polido marmore a nevrotica desesperação de longos abraços a tanto tempo, a tantas insomnias esperado com a alma de joelhos, num adro de lagrimas.

Alleluia do amor! Era a união sacratissima de seos corpos, canonizando a voluptuosa affinidade de seos corações; era o noivado eterno, pensava Leonidas; para sempre; um febril amplexo de todas as horas, um beijo quente de todos os minutos; o mundo nullificado para dar logar á sua ventura sem termo!...

Nem o laço da natureza, que lera em Schopenhauer, lhe vinha á lembrança.

De repente sentio bater-lhe em soluções o coração, e o frio da pallidez marmorizar-lhe as faces: Vira Hortencia que se approximava pelo braço de algumas amigas.

— «Minha senhora...» e disse qualquer banalidade, porque em vez do pragmatico vocabulo de felicitação, seos labios comprimiam muita magoa.

Ella soffria tambem; o riso artificial a que se obrigara naquelle festivo bulicio já não bastava para cobrir uma tristeza virgem que lhe fazia pensar em morte.

Voltou ao salão, Leonidas, mais pallido e menos abatido,

accendeo um charuto e, ás leves baforadas olorosas, reflectia sobre esta duvida: aquella curta palestra emocional traduzia a fria delicadeza da filha do Barão, ou reprezentava o coração de Hortencia?

Desordenado rumor que pozera de sobresalto a sala de jantar, veio tiral-o da meditação.

Fôra ao corredor curioso de conhecer o importuno barulho.

Na sala de jantar, entre confusa dobadora, dizia-se em alta voz que Maximo tomara com uma taça de champagne pela cara.

Neste momento o chim, apressado e nervoso, rugia de passagem ac ouvido de Leonidas:

—Para outra vez, mato-o!

(SILVEIRA NETTO.)

X

A tarde esmorecia entre cambianças diaphanas de crepúsculo, abrindo por sobre o planeta niveas caçoulas fulgentes de pythonizas celestes. A atmosphera impregnava de suave melancolia os nervos dos sensitivos e dos passionaes. Hora do Angelus, hora das invocações e das preces. O Invizivel actuando sobre a materia animalizada; o Invizivel revelando-se a Magos e Fakirs, a Occultistas e Astrologos... Lá, na Arabia vetusta, debruçadas dos minaretes, fitando o Sol exanime e vencido, mulheres formosas psalmodiam versiculos, acompanhando, ao longe, os muezzins da Saudade...

Hora do *Moghreb*...

Scismando, relembrando ideaes profanados, na tacita invocação piedosa de longinquo passado, Leonidas levara o dia todo remordido, em suas subtilezas de amoravel, pelas impressões cruciantes do baile da vespera. Só á tarde se levantara do leito, indo assentar-se junto á janella aberta para o poente, embevecendo-se na contemplação morbidizante das agonias da Natureza.

Hortencia!... Todo um romance idealizado, toda uma esperança perdida, todo um futuro morto!... Sybilla obcecada pelo Destino, apunhalando consciencias, apunhalando corações, impelida para a Fatalidade, sem a comprehensão sequer de seo fado dè abantesma...

Hortencia!... Hortencia!... Debalde repellia a lembrança da candida creatura, debalde a escurraçava do pensamento; sentia-a mais e mais nitida, mais e mais impressionadora, segundo-o, acompanhando-o, sempre a seo lado, sempre comigo, — tal como a sonhara outrora, ao levantar dourados castellos, aonde se via deliciosamente venturoso, na risonha espectativa de excepcional felicidade.

— «Nupcias do espirito,» reflexionava, «nupcias do espirito, acerba ironia do Destino que se não condoe de meo infortunio, que se não apiada de minha miseria,— e a apresenta aos olhos de minha alma, para o noivado do coração,— quando a perdi para sempre, e para sempre nos separam os impossiveis da loucura humana... A Realidade é mais pungente que o Sonho... O Sonho é a nostalgia do Espírito, é o refrigerio das angustias intimas... Eis meo passado ainda mais lugubre, mais prenhe de effigies desoladas as galerias de minha alma... Agora, é caminhar para a Morte com a estoicidade de um vencido da Esperança, levando o coração ciliciado por uma coroa de espinhos... Agora, é morrer para a existencia, como já succumbi para a Ventura...»

Bateram.

— «Entre, quem é?»

O perfil do Barão dezenhou-se no limiar. Vinha pallido e tremulo.

— «Que tem, sr. Barão?... Que succedeo?»

— «Hortencia!...» E atirou-se em uma poltrona, soluçando, sem poder articular mais uma só palavra.

Leonidas, indecizo, olhava-o longamente, zurzido pela vergasta de terrivel presentimento. Depois, num grande esforço emocionante:

— «Que houve?... Que houve?...»

O Barão ergueo a cabeça, fitou os olhos nos de Leonidas, e, desoladamente:

— «Hortencia... minha filha... Desappareceo!...»

Leonidas sentio o coração bater-lhe no peito, como um reptil enjaulado.

— «Como, sr. Barão?...» E mais brando e mais compassivo: «Diga, diga-me o que se passou!...»

— «Ah! sr. Leonidas, porque a desgraça havia de ferir-me na velhice?... Eu nada mais pedia á Sorte... Hontem, apoz meia noite, apezar do baile continuar animadissimo, Hortencia entrou a entristecer profundamente... O Sr. já não estava... Interrogei minha filha; instei para que me dicesse o que a affligia... Que não era nada,—respondeo-me; que estava apenas um tanto nervosa... Hortencia tinha, ultimamente, desses entristecimentos subitos; depois voltava-lhe o sorriso e a alegria... Não quiz importuná-la... Findo o baile, recolhi-me á alcova, supondo-a já em seos commodos... Hoje, pela manhan, Hortencia não me appareceo, como de costume... Desci ao jardim; tambem lá não estava... Dorme,—pensei,—deitou-se tarde, e, comquanto madrugadora, não poude vencer o

somno... A' hora do almoço, porem, ainda não tinha apparecido... Minha mulher foi, então, chamal-a... Bateo á porta do quarto... Estava entreaberta... Empurrou-a... Entrou... Ninguem! — «Hortencia! Hortencia!» chamou... Silencio absoluto... Inquietámo-nos seriamente... Procurámol-a por toda a casa... Nada!... nada!... Volvemos á alcova, discerrámos as gelozias... O leito estava intacto... Sobre a secretaria, um exemplar do *COSMOPOLIS*, de Bourget, aberto em uma das ultimas paginas, com as seguintes palavras á margem: — «*Pobre Alba!*...» E nada mais.»

Leonidas sentia o coração confranger-se-lhe no peito, na agonia desesperada de indizivel soffrimento. Vinham-lhe impecos de interromper o Barão, de apregoar-lhe bem alto seo amor perdido, afim de que não lhe repizasse as chagas de sua alma de vencido, atrozmente alanceado pela Desesperança. Continhasse ante aquella physionomia convulsionada pelo Desespero, ante aquelle pranto copioso e ardente.

— «Quasi enlouquecemos de dor», continuou o Barão, «quasi enlouquecemos!... Agarrámo-nos á idea de que poderia ter acompanhado alguma das amigas... Era um pensamento absurdo, esse... Mas, que quer? era tambem um esperança... Demais, minha filha não havia mudado o trage; era, portanto, possivel... Sahi logo; fui á casa de todas as pessoas que tinham estado connosco... Procurei o Dr. Tancredo, procurei o Sr. Maximo; ninguem a tinha visto; ninguem sabia onde eu poderia encontrar-a... Vendo casualmente o chim, que atravessava uma rua, indaguei-lhe de minha filha... O misero fitou-me parvamente, respondeo-me com uma pergunta; e desappareceo, correndo... E, não posso encontrar-a... Ninguem sabe dizer-me onde está minha filha...»

— «Diga-me, Sr. Barão, foram procural-a ao *Passeio Publico*?...»

— «Ao *Passeio Publico*?»

— «Oh! o Sr. comprehende: as jovens são, em geral, tão phantasiosas, tão violentadas por vontades subitas... Quem sabe?»

O Barão não atinava.

— «Vamos ao *Passeio*, Sr. Barão.»

— «Mas... Ah!» exclamou, «os romances, os romances!»

Leonidas não respondeo.

Desceram rapidamente.

Não, não eram os romances a causa daquelle infortunio!... Não eram os romances!... As obras da eschola moderna, tra-

Ihadas por mestres, não pervertem, não degradam, não assassinam... Fazem victimas, é verdade; victimas da educação contemporanea, sem base moral, sem ensinamentos uteis e positivos, superficial, incompleta, estiolada por supersticoes ridiculas, por funesta ignorancia. Não, não eram os romances a causa daquelle infortunio!... As victimas encontram nelles energico elemento de reacção, que as desequilibra, e lhes dá animo para fugir á mizeria de existencia para todo o sempre falhada.... E' que os romances da eschola moderna são escriptos para os paes e lidos pelos filhos; é que os progenitores se não dão ao labor de meditar algumas horas, de abandonar alguns habitos, de aniquilar alguns preconceitos,—impondo, pelo exemplo, a norma de procedimento condigno com a familia e com a sociedade. Dahi, factos lamentaveis, decepções pavorosas.

Quando penetraram no *Passeio*, a Lua começava de argenteear suavemente o arvoredo tacito. Os canaes, como espelhos de gelo, seguiam linhas tortuosas, em direcção ao lago. Correram a elle. Investigaram, aniosos, a lympha tranquilla; investigaram os arredores... Havia como uma protuberancia indecisa na linha baixa da margem opposta... Apontaram a um tempo...

— «Alli!... Alli, talvez!...»

Desatracaram um dos esquifes, tomaram dos remos... A lympha espadanou, farandulada, formando circulos concentricos... Dizia-lhes o coração que se approximavam... Sim!... Sim!... era ella!...

— «Hortencia!... Hortencia!...» gritaram.
Nada!

O esquife, impellido vigorosamente, avançava rapido.

Sim!... Sim!... era ella... Havia, sobre a relva, de um verde de esmeralda, o vigoroso destaque de um vestido de sêda... Dir-se-hia, porém, eram dous corpos, deitados a fio... Um tronco de arvore, talvez!...

— «Hortencia!... Minha filha?» gritou de novo o Barão.

Nada! O mesmo silencio nirvanesco...

Leonidas tragava as lagrimas de seo desespero.

— «O chim!» exclamou, aproando.

O chim beijava as plantas de Hortencia.

Sacodiram-no... Despertou, extremunhando, como se viesse da noite de um tumulo.

— «Hortencia!... Minha filha!» soluçava o desditoso pae.

— «Dorme,» suspirou o chim, somnambulamente, «dorme... E eu dormia com ella...»

Depois, erguendo-se sobre os joelhos, alheio e vago, como quem fala ao Infinito :

— «O Sol, como um lotus de ouro, brilhava no ceo.... Ninguem... Meo coração trazia-me para aqui... Ia, de canto em canto, de lado a lado, por todo o jardim extenso, chamando-a, chamando-a, muito baixinho, para que os echos não me ouvissem, para que os maos não se alegrassem de minha tristeza...

«O Sol, como um lotus de ouro, brilhava no ceo... — Noiva!... Noiva!... sou eu... Ella não respondia... E eu a buscava sempre... Noiva!... Noiva!... sou eu... »

— «Pobre chim!» disse o Barão.

— «Amava-a!» segredou Leonidas.

E se deixavam ficar, quedos e tristes, ao som daquella elegia magoada que soluçava pela voz do chim.

Como um echo, o infeliz proseguia :

— «O Sol, como um lotus de ouro, brilhava no ceo... E ella ia boiando á flor das agoas, como um lotus de prata levado pela corrente... — Noiva!... Noiva!... chamei... Ella me ouvio, e veio... E nos deitámos na relva, e vamos acordar na patria celeste... Dorme, descança, flor de lotus de prata!... O lotus de ouro já não brilha no ceo... »

E, subito, resvalou sobre o cadaver de Hortencia, fulminado, tambem, pelos Inviziveis da Morte.

(DARIO VELLOZO.)

FIM



CREPES

A Emilio Viscontini

*A mortalha feral da suprema loucura
Cinge o argenteo tropheo das esperanças brancas ;
E sinto que, em minha alma, a alma do amor arrancas,
Monja,—que vens rezar em minha sepultura.*

*Tenho no olhar extinto a guzla de uma prece
E a tacita visão de uma existencia morta...
Monja,—que vens fazer ? !. Teo olhar não supporta
A tragedia de amor que me exhaure e adormece.*

*Paz terrivel do Nada e do Anniquilamento,
Divina paz cruel que eu supplico e me algema !...
So eu sei chafurdar nesta sordicia extrema,
De onde surge a illusão de meu fulvo tormento.*

*So eu devo descer para a Treva infinita
Como um corvo de luz que se extingue na Treva.
E ao peito levarei a effigie medieva
E o torturado amor de cortezan maldicta.*

*A minha alma é, talvez, como um cypreste exangue,
Derivando á mercê de um *gulf-stream* do Inferno...
Eu, barqueiro do Affecto e do Ideal superno,
Levo-a, atravez a Dor, entre vagas de sangue.*

*Levo-a, de beijo em beijo, e de anhelo em anhelo,
Resvalando em parceis e rochedos sombrios,
Abrindo em cada olhar prantos e tresvarios,
Em cada coração cravando um pezadello.*

*Não, não deves rezar,—monja de olhos sidereos,—
Embalde oscularás a minha sepultura :
A mortalha feral da suprema loucura
Cinge o meu coração de noites e mysterios.*

DARIO VELLOZO

HALLUCINATION

I

Il se sentait tellement triste, le pauvre Bernard Chapron, qu'il croyait en mourir. Le spleen, féroce et bizarre, l'avait subitement foudroyé dans sa chaise, devant sa table de travail, couverte de photographies d'amis et de parents.

Il couvait depuis longtemps une idée superbe pour un roman à sensation et s'étant mis à l'œuvre il se trouvait incapable de coucher une ligne sur le papier. Il avait des bourdonnements dans la tête. Tous ses membres pesaient comme du plomb. Une tristesse morne l'enveloppait. Des regrets cuisants de je ne sais quelle partie imaginaire, d'affreux remords d'un crime chimérique, et autant d'idées baroques et saugrenues, le hantaient.

—Vraiment, je suis malade, se dit le pauvre Bernard anxieux.

Il essaya de se lever mais une force invisible le cloua au fauteuil. Il fit d'inutiles efforts pour se délivrer. On semblait le retenir, se suspendre aux basques de son habit. C'était intolérable, ce supplice.

Et voilà que tout à coup les portraits de ses parents et amis se mettent à rire, ouvrant des bouches larges sur les cartons photographiques, les yeux pleins de malice, s'amusant évidemment de son état désespéré, de son impuissance à quitter le fauteuil fantastique.

A coups de poing formidables il les renversa tous sur la table et de ses doigts crispés il essaya de leur clore la bouche. Et tandis que de deux à deux il leur déchirait le visage, s'acharnant à la besogne vengeresse, les autres portraits encore intacts se mettaient à pleurer des larmes rouges, abondantes comme une pluie d'été.

Oh ! le affreuse chose ! Sa colère tomba du coup et la peur l'enfonda, le posséda tout entier, le domina.

Il resta immobile, le regard fixe et fou sur le sanglant ruissellement des larmes. Mais brusquement le rire reparut, énor-

me, ironique, outrageant. Les mâchoires se fendaient dans une gaîté furieuse et animale, ouvrant des trous noirs sur les visages pâles.

Bernard maintenant regardait stupéfait, abruti, sans colère. Il fit un mouvement pour se lever, pour fuir. Ah ! le fauteuil le lâchait... Il était donc libre ? Il courut avidement vers la fenêtre et l'ouvrit, toute grande... L'air du matin, doux et caressant, le frôla. Il respira longuement, très longuement, comme qui vient de sortir des profondeurs d'un gouffre asphyxiant.

Que c'était bon l'air matinal, chargé de parfums... Du parfum ! oui, vraiment, il eu vient du dehors. La chambre en est toute saturée... Mais, c'est étrange, ce n'est plus de l'air qui entre par la fenêtre, ce sont des ondes de musc, d'héliotrope, de cuir de Russie, de peau d'Espagne, tous les parfums connus et inconnus qui se précipitent chez lui comme un coup de simoun !

L'atmosphère devient irrespirable, lourde, écrasante. Bernard se précipite sur la fenêtre et, violemment, la ferme. Puis, sans force, l'haleine sifflante, se laisse choir sur le divan le plus proche.

—Oh ! mon Dieu, que je souffre ! que je souffre ! Il s'est couché tout de long, la tête enfouie dans les coussins de vielle soie, et il pleure comme un enfant, avec des sanglots, son horrible détresse.

Mais voilà que les chaises, les fauteuils, les divans, les tables, les armoires, se mettent à jouer avec des sons aigres, grondants, aigüs, rauques, les fanfares les plus endiablées, une chévauchée des Walkyries effrayante, assourdissant ses oreilles d'un tapage infernal.

Et le pauvre Chapron les deux mains sur la tête s'imagine que son cerveau va éclater. Il le voit déjà, en bouillie, répandu sur le tapis. Il se baisse même pour le regarder et ne trouve que de la graisse, une graisse jaunâtre et épaisse, d'une odeur désagréable...

Un long frisson d'épouvante lui secoue tout le corps... Il avait donc de la graisse dans le crâne au lieu de cervelle ?

Hébété, ahuri, désespéré, tremblant de peur à cette découverte, il n'ose plus bouger, tout à la désolation de cette trouvaille.

Eh ! quoi, il était um phénomène alors, un être hybride, un sujet à dissécation. Il se voyait étendu sur la table de marbre des amphithéâtres d'anatomie, entouré de médecins à l'air grave, perplexes, le scalpel à la main...

II

— Monsieur ; monsieur ! il est déjà presque huit heures, le diner est servi. Vous avez trop dormi.

Le domestique en l' appelant venait de le rendre à la réalité. Mais avait-il dormi ! Non, certes, il n'avait pas dormi et dans son faux éveil il sentait encore toute l' horreur de son hallucination, car ce ne pouvait être autre chose. Oh ! les terribles moments d' angoisse qu'il venait de passer !

Et en se mettant à table il songeait :

— Mais la voilà, toute trouvée, la scène à sensation pour mon roman... Oui, c' est cela, le héros passera une journée d' hallucination ainsi... C' est du nouveau, parbleu !

Et Bernard Chèpron se sentant dispos, à l' idée de son succès futur, attaqua vaillamment une sole au gratin, son plat favori.

JEAN ITIBERÉ



O AMOR

A Dario Vellozo

No Amor, uma paixão, minha Senhora,
Eu creio firmemente, como nunca,
Perante a face austera e a mão adunca
De Deos, prostrou-se a turba que o adora.

A' propria fome vence e altivo truncá
O instinto poderoso, e á toda hora
Sorri, palpita, ruge, canta e chora,
Da fidalguia artistica á espelunca.

Desprende a força athletica e convulsa
Que tange o Ideal, e crava o olhar profundo
Nas agonias da alma, em que arde e pulsa;

Com gesto largo a historia e a sciencia traça :
Mas a Tortura diz que elle é, no mundo,
O germinal eterno da Desgraça !

ELYZEO MONTARROYOS

IRONIAS DA MAGOA

(FRAGMENTO)

Em manhan bellissima de sol, Orlando despertara, cheio de uma tristeza infinita, o cerebro carregado de reminiscencias, o coração, essa mumia do Inferno, dolorido de magoas e de saudades profundas. Havia no seo olhar cavo e fulgurante, a nostalgia negra, a grande nostalgia dos exilados do paiz do sonho; o pezadello diabolico de uma recordação violetara-lhe as palpebras cançadas de insomnias terrificantes.

Orlando deixara-se ficar no leito, longamente, olhos fitos no espaço, onde as moscas esvoaçavam, num quasi imperceptivel ruido de azas.

A imagem vaporosa de Dinah, da magestosa e satanica Dinah, passava ante os seos olhos de somnambulo da felicidade, nitidamente, fronte aureolada de um chromatismo dulcido de belleza estranha, como numa apotheose infernal, satyrizando a sua grande magoa, illuminando com sorrisos de luz, que desabrochavam dos seos labios, numa irradiação aristocratica de estrella, a chaga cancerosa do seo coração grangrenado, da sua alma morphetica de Job da desventura eterna.

Orlando sentia por vezes a revolta van do ciume, em vendo, atravez do crystal ennevoado das suas enfebreidas meditações, Dinah, enroscada ao braço de um burguez obeso e lorpa, como serpente luxuriosa. Elle a via, sorrindo, no dulcificador embalo de uma felicidade anonyma, sorrindo, talvez acariciada pelo bafejo tepido de um sonho nupcial.

Orlando erguera-se do leito, e junto á meza de trabalho, scismava, fitando a galeria dos homens celebres, que pendia suspensa de uma das paredes, onde Shakspeare, o divino psychologo do coração humano, avultava da moldura negra do quadro, torturado e triste, como o ciume de Othello e a loucura de Hamlet; o Dante, invocava nos tercetos da *Divina Comedia*, o grande amor, o immortal amor de Beatriz; Byron, o sublime libertino, parecia sorrir num scepticismo doloroso, em vendo desfilar o cortejo macabro das lascivas e ardentes condessas que o amaram. Orlando fitou-os ainda por muito tempo, o coração monologando o sarcasmo de uma saudade.

Passaram-se os dias, rápidos como sombras, envoltos num crepusculejamento exasperante de agonias. Por vezes, num desses momentos morbidos da existencia, em o qual o coração num sentimentalismo de poesia lírica, sobrepuja a razão, Orlando, o analysta frio e impassível, sentira-se vencido, cobardemente vencido, sem vontades que não fossem as de pensar no seu amor, que não fossem as de invocar lembranças que se prendessem á pessoa amada.

Dinah, sempre Dinah !

Orlando, nessa allucinação de nervos alvorocados, ouvia perfeitamente o ruido sonoro dos seos passos, sentia-a muito proxima de si, e abria os braços no espaço, e fechava-os, numa febre de carinho voluptuoso, como se amplexasse alguma cousa visivel unicamente aos seos grandes olhos abertos, de somnambulo.

Orlando era um grande sincero, amava muito, porém, como o seu grande amor não tinha os arrebatamentos coléricos e fofos dos protestos convencionaes, nunca fôra comprehendido, taxavam-n' o de exquisito.

Estrelas desabrochavam no firmamento, como lyrios; Orlando descerrara a janella do seo gabinete e fitava o ceo, ancioso, como implorando ao coração dos astros balsamo para a sua grande magoa, para o seo grande abatimento.

Uma restea indiscreta de luar punha-lhe no semblante um tom melancólico e tragico de phantastica pallidez.

Orlando scismava, e no silencio mortuário do seo gabinete, como numa camara ardente, allumiado pela luz merencoria das estrelas, ouvia, numa plangencia funebre de requiem das almas desgraçadas, o seo coração dobrando a finados ; via o seo unico sonho, apunhalado mizeravelmente, cobardemente, por um preconceito social, escarnecido pela mediocridade burgueza, avida de escandalo. Nervoso, revolveo uns papeis esparsos sobre a meza, e tomou de uma photographia, oculta avaramente entre elles, fitou-a longamente, beijou-a muito, muito, e tornou a occultal-a cuidadosamente.

— «Dinah, os teos olhos são doux abyssos de luz, attrahem-me. Ha muita luz no teo olhar, muita docura nos teos beijos ; porém muita perfidia na tua alma. Vamos; eu quero viver nesse inferno de supremas venturas, nesse paraizo magno das grandes alegrias.»

Estrelas murchavam e desappareciam no firmamento, como lyrios despetelados.

JULIO PERNETTA.

FILHAS DE EVA

(PARA AS INDISTINCTAS)

A Aluizio Azevedo.

I

— «Lindo! tão lindo!» — Eva exclamava, um arbusto
Vendo, que Adão tambem não conhecia:
— ... «Lindo»! — e, amorosa, a um ramo achega o busto:
Beija-o.

Sorpresa, o vime estremecia
Como quem sae de um agradavel susto:
Da rubra e quente bocca em coração
Vinha-lhe um não sei què... vinha-lhe o pejo;
E, a pouco e pouco, a ponta enrubesceia...

*

Se não fosse a mulher queimal-a a um beijo,
A roseira não déra um tal botão.

II

Nembuma flor branqueava a lympha pura
Quando Eva neste espelho se mirou.
Mas vendo-lhe a rarissima candura,
Tudo a florir de branco se notou:

Supondo um luar seo collo e as niveas ancas,
O lotus veio á flux da agoa e sorrio;
A açucena, a estalar beijos, se abrio;
Todo um rosal se arqueou de rosas brancas...

*

...Sob uma das barrancas
Nadava um cysne e, cioso, submergio.

III

Contra Eva e Adão, não sei porque nem como,
Tal mysterio se armou !... Jeovah, um dia,
Vem-lhes falar de um «indiscreto pomo»...
Quando evitar o pomo bem podia.
E eil-o, entre crespas nuvens, iracundo
A enxotal-os depois para este mundo.

Adão — quiz lamentar desgraça tanta,
Mas «incuravel nó» lhe ata a garganta;
Eva — um sorriso ás plantas deo, chorosa,
Que fez que muita branca e rubra rosa
Trajasse a «còr do desespero» viva...
Todo o rosal — oh, dòr! — «se encheo de espinhos»...
Teve «um desmaio» a ingenua sensitiva !...
E, ao vel-a em pranto a relva dos caminhos,
Da lagrima a violeta azul nasceo,
Da còr de seo olhar, da còr do ceo,
E aroma obteve a um languido sorriso...

Quando Eva, enfim, perdeo o Paraizo,
O Paraizo foi quem mais perdeo.

*

E um bello archanjo as portas vem guardar...
— Se guardar um deserto é já preciso !... —

...Triste de Adão se fica em seo logar.

Guarapuava, 1894.

EDMUNDO BARROS.



JERUZALEM

DE

PIERRE LOTI

(Tradução do "Cenaculo")

A meos amigos, a meos irmãos desconhecidos,
dedico este livro—que é apenas o diario de
um mez de minha vida, escripto num grande
esforço de sinceridade.

PIERRE LOTI.

I

O crux, av spes unica!

Jeruzalem!... oh! o pallido luar moribundo desse nome!...
Como brilha ainda, atravez o nada dos tempos e do pó, tanto!...
tanto!... que me sinto quasi sacrilego, em ouzando collocal-o lá
em cima, na epigraphe da narrativa de minha peregrinação sem
fé!...

Jeruzalem! Os que me antecederam na terra não poucos
livros deixaram, profundos ou magnificos. Eu, porem, quero
simplesmente notar os actuaes aspectos de seo desolamento e
suas ruinas; dizer apenas, nesta nossa epocha transitoria, qual
o grao de penumbra de sua grande sombra sancta que uma ge-
ração já mui proxima sequer lobrigará mais...

Talvez diga tambem a impressão de uma alma, a minha—da
seita dos torturados deste seculo agonizante. Outras almas ha,
porem, irmans da minha alma e poderão acompanhar-me: so-
mos alguns victimados pela soturna agonia do presente, alguns
dos da borda do abysmo onde tudo ha de cahir e apodrecer, que
ainda vemos, em um inapreciavel longinquo, pairar acima de
todo o inadmissivel das religiões humanas o perdão que Jezus
trouxe consigo, a consolação e o seo celeste *au revoir...* Oh!
nada mais ha que isso: o resto nirvanesco e vasio, não somente
nos pallidos philosophos modernos, como nos arcanos da India

millenaria, entre os Sabios illuminados e maravilhosos das edades remotas... E, de nosso abysmo, continua de se evolar, para o que outrora chamavam o Redemptor, toda uma vaga adoração desolada...

Com franqueza, meo livro não poderá ser lido e supportado senão por aquelles que se morrem de ter possuido e perdido a Esperança Unica; por aquelles que, embora para todo sempre incredulos, como eu, viriam ainda ao Sancto-Sepulchro com o coração transbordante de prece e, por mais um pouco, alli se arrastariam de joelhos....

II

Segunda-feira, 26 de Março.

Segunda-feira sancta. Chegado ao deserto, despertamos sob tendas, no recinto de um cemiterio de Gaza. Já não nos acompanham Beduinos selvagens, nem nos rodeiam camellos e dromedarios. Os novos camaradas, Maronitas, apressam-se em ajaezar e arreiar os cavallos e as bestas; e levantamos acampamento, a caminho para Jeruzalem.

Precedidos de dous guardas de honra, cedidos pelo pachá da cidade e que afastam a multidão curiosa, atravessamos longamente mercados e bazares, e, logo depois, o rocio, onde em torno das fontes se localiza a animação da manhan e se atropellam vendedores de agoa, enchendo odres de pelle de carneiro, carregando dóceis jumentos. Interminaveis destroços de muralhas, portas, cumulos de ruinas sob palmeiras. Alfim, o silencio do campo, plantações de cevada, bosques de oliveiras seculares, o começo da estrada arenosa de Jeruzalem, donde retrocedem os guardas.

Deixâmos essa estrada á esquerda, tomando, por entre cevadaes verdejantes, primitivos atalhos que vão ter ao Hebron. Nossa chegada á cidade sancta será retardada de quarenta e oito horas por causa deste desvio; mas assim o fazem, habitualmente, os peregrinos, para vizitar o tumulo de Abrahão.

Cerca de dez legoas hoje, por entre cevadaes veludosos, cortados de regiões de abrotea onde pascem rebanhos. De espaço a espaço, acampamentos arabes, tendas negras no verde amenidoso dos campos; ou então, aldeolas *fellahs*, casinhas de terra escura; apertadas em torno de modesto zimborio caiado, sancto jazigo protector.

A' tarde, o sol ardente durante o dia, crepiza-se compassivamente de brumas tristes, apenas semelhando pallida patena

branca. Só então temos consciencia do caminho já percorrido para o norte.

Subito, deixamos os cevadaes extensos, penetrando em paiz montanhoso, e para logo surge o valle de Beit-Djibrin, onde tencionamos passar a noite.

Verdadeiro valle da Terra Promettida, aonde «corre o leite e o mel.» Verde, de um delicioso verde primaveril, de campina de Maio, entre collinas sombreadas de oliveiras vigorosas e soberbas, de um outro verde, magnificamente soturno. Caminha-se na espessura das hervas, por entre anemonas rubras, lyrios de um violeta esmaiado e tremulos cyclames roseos. Trescala nimios perfumes e tem, no centro, gracioso lago limpidio, onde carneiros e cabras abeberam.

Em uma das collinas se eleva a vetusta aldeasinha arabe, onde recolhem á noite numerosos rebanhos. Em quanto erguem os tendas na herva alta e florida, bois e carneiros desfilam, indo se encerrar lá em cima, atraç dos muros de terra, conduzidos por pastores de longas vestes e turbante, como sanctos ou prophetas, seguidos de meninos robustos que carregam com ternura mansos cordeirinhos recem-nascidos. As ultimas centenas de cabras negras vão desapparecer entre as estreitas ruas de vasa resequida, em massa compacta como extensa leva ininterrompida, de uma còr sobria e de um reverberante de aza de corvo... Prodigioso o quanto pode conter esta aldeasinha de Beit-Djibrin! E, ao desfilarem tantos animaes, sente-se, um sadio odor de curral se miscibiliza ao suave perfume do tranquillo vergel delicioso.

E' a mesma vida pastoril de outrora, a vida biblica, em toda sua simplicidade e magnificencia.

III Terça-feira, 27 de Março.

Pelas duas horas da madrugada, quando a noite envolve este paiz de arvores e relva em sua enorme sombra, prolongados gritos muzicaes, extremamente lamuriosos, passam por nossa cabeça, smorzando ao longe no sonno e na frescura das campinas,—exaltado pregão chamando á prece, aos homens rememorando o nada e a morte... Os *muezins*, pastores todos, de pé sobre os terraços, cantam conjunctamente, como em *canon* e em *fuga*—e sempre o nome de Allah e o nome de Mahomet, sorprendentes e sombrios, como um estribilho perpetuo, aqui, nesta primitiva terra da Biblia e do Christo...

*

Erguêmo-nos á hora matinal^{*} em que os rebanhos descem para os prados ferteis. A chuva, a bemfazeja chuva desconhecida no deserto, sobre as nossas tendas tamborila, regando copiosamente este formoso eden de verdura.

O cheik do valle vem nos vizitar, desculpando-se por não tel-o feito hontem á tarde, pois estava retido em remotos pastios onde pernoitam suas ovelhas. Apezar das bategas incessantes, subimos com elle até a aldea, palmilhando altas hervasborrificadas, por entre lyrios e anémonas que se curvam sob nossos compridos albornozes.

Neste paiz, junto á antiga cidade de Gaza e o antiquissimo Hebron, Beit-Djibrin, que não conta mais de douz mil annos, pode ser considerada muito nova. Foi a Bethogabris de Ptolomeo, a Eleutheropolis de Septimo-Severo, e diocese no tempo das cruzadas. Hoje, contra ella, como contra as cidades todas da Palestina e da Idumea, se cumpriram as implacaveis prophecias da Biblia, e sua desolação não tem limites, sob o maravilhoso crepe de bizarras flores selvagens. Nada mais que mizeras cabanas de pastores, estrebarias, os tectos de terra litteralmente cobertos do rubro das anemonas ; destroços de veneraveis muralhas, ruidas sob as hervas altas ; e, sob a terra e as ruinas, sob o entrelaçamento dos acanthos vigorosos, das sarças e abroteas, vestigios apenas da cathedral onde officiaram os sacerdotes Cruzados ; columnas de marmore branco de capiteis corinthios, uma nave despedaçada, abrigando Beduinos e cabras.

Cedo ainda, cavalgamos para começar a jornada, sob um céo encoberto e atormentado, donde, comtudo, as bategas já não cahem. Seguindo uma encosta ascendente, para os planaltos da Judéa, caminhamos até meio dia por veredas de flores, atravez extensos campos de cevada, entre collinas alcatifadas de bosques de oliveiras, de compridos ramos escuros e sombria folhagem.

Como no dezerto, (¹) é durante a alta meridiana que a caravana das bagagens e tendas nos passa,—caravana bem diferente da outra,—trotando por veredas ridentes, as bestas conduzidas por Syrios de physionomia franca, ao festivo tilintar dos guizos dos peitoraes—á frente a madrinha, a mais bella e intelligente da tropilha, ajaezada galhardamente de perolas e conchas, ao pescoço o argentino sincerro que as outras ouvem e seguem...

(1) — Veja-se: «Le Désert», —obra de Pierre Loti.

A proporção que subimos, as rampas se tornam mais escarpadas e o paiz mais pedregoso ; os cevadaes substituem definitivamente ás urzes e abroteas.

Pelas trez horas, ao sahir de interminavel desfiladeiro profundo, surgem de subito maravilhosas immensidades inesperadas : Para traz,a nossos pés, as planicies de Gaza, a magnificencia dos cevadaes unidos, como um tranquillo mar verde, nuns longinquos esfumados e, mais atraz ainda, infinitamente longe, estreita linha do deserto que percorreramos, apparecendo pela ultima vez em um vago desdobramento roseo. Ante nós uma região extremamente diversa : até os vaporosos cimos do Moab que se confundem no horizonte, parece elevar-se todo um paiz de pedras cinzentas, inteiramente trabalhado por mãos humanas ameiado de muros regulares se superpondo uns aos outros indefinidamente : as vinhas escalonadas do Hebron, desde os tempos biblicos reproduzidas, atravez dos seculos, nos mesmos sitios de outrora.

Estão sem folhas, estas vinhas, porque Abril não começou ainda; vêm-se-lhes as cepas enormes torcendo-se no solo como serpentes multiplas, a mesma primitiva còr simultanea. Planicies tristes, pedregosas, cinzentas, onde apenas, de longe em longe, desolada oliveira solitaria eleva a merencoria còma de folhagem negra.

Lá embaixo, serpea alguma cousa, longa fita branca, aonde vão dar os atalhos : uma estrada, uma verdadeira estrada carroçavel, como na Europa,— o mesmo calcamento e o mesmo pó ! E, neste mesmo instante, rodam carros sobre ella !... Olhamol-a com surpresa de selvagens.

E' a estrada de Jeruzalem, e vamos tambem segui-la ; desce para o Hebron, entre innumeraveis murosinhos que encerram vinhas e figueiras.

Sente-se indeffinivel satisfação ao reencontrar-se tal comodidade, depois de tanto pedregulho, tantas rochas escarpadas, ladeiras ingremes, tremedaes assombrosos, ha cerca de um mez constantemente abertos sob as patas de nossas cavalgaduras.

Dous carros passam, cheios de ruidosos viajantes das agencias, homens com chapeos de cortiça, gorduchonas obesas, de gorrosinhos de lontra e veo verde.

Acabrunhadora surpresa.

Mais que ao nosso bello sonho oriental, offendem esses importunos o nosso piedoso sonho mystico. — Oh ! aquelles gritos, e aquellas gargalhadas boçaes nesta sacrosanta região desolada

onde chegariamos, tão humildemente pensativos, pelo antigo caminho dos prophetas!...

Felizmente, somem-se rapidos, antes da noite, que o Hebron ainda não tem hospedarias; o Hebron tem se conservado uma das mais fanaticas das cidades musulmanas da Palestina e não consente christão sob seos tectos...

* * *

Entre collinas abruptas, cobertas de renques de taboleiros para as vinhas, o Hebron emerge, edificado com os mesmos materiaes dos muros interminos que retalham os campos. Em paiz de pedras cinzentas, a cidade é de pedras cinzentas; super-posição de cubos de pedra, tendo por tecto abobadas de pedra, todos eguaes, todos rasgados de setteiras cimbradas, reunidas duas a duas. Conjuncto nitido e risrido, que surprehende pela absoluta uniformidade de contornos e matizes, dominado apenas por cinco ou seis minaretes.

Conforme o uso, acampámos á entrada da cidade, á margem da estrada, em um modesto horto de oliveiras. Como as bestas de carga tivessem apenas nos precedido hoje, prezidimos ao nosso acampar de nomades, cercados de numerosos espectadores, musulmanos e judeos, silenciosos nas longas vestes bizarras.

* * *

Temos ainda, depois de armadas as tendas, uma hora de luz. O sol, muito baixo, doura neste momento as monotonias do Hebron e dos arredores, o conjunto dos cubos de pedra que compõem a cidade, a profusão de muros de pedra que cobrem a montanha.

Subimos a pé á grande mesquita, cujos subterraneos impenetraveis guardam os tumulos authenticos de Abraham, Sara, Izaac e Jacob.

Arabes e judeos circulam tumultuosamente nas ruas, e os matizes de suas vestes fulgem no fundo indistinto das muralhas.

Algumas dessas casas parecem velhas como os patriarchas; outras novas, acabadas apenas; todas, porém, semelhantes; mesmas paredes massicas, num perenne desafio aos seculos; mesmas proporções cubicas e as janellas reunidas duas a duas. Tudo se harmoniza neste conjunto; e o Hebron é uma das rarissimas cidades onde não aparecem construções de apparencia moderna ou estranha.

Vão fechando o bazar abobadado de pedras, e apenas iluminado pela vaga luz que atravessa as estreitas setteiras engravadas. Das portas das lojas pendem albornozes e vestes, arnezes e cabeçadas de perolas, para camellos ; pendem missangas, braceletes e collares, fabricados no Hebron desde remotos tempos immoriaes. Vê-se ahi confusamente ; caminha-se em uma nuvem de poeira, sentindo o odòr de especiarias e ambar, escorregando-se nos velhos ladrilhos reluzentes, polidos durante seculos pelo roçar das babouchas (*babouches*) e dos pés.

Nas circumvizinhanças da grande mesquita, instantes de noite, nas viellas, abobadadas em ogiva, como estreitas naves ; no prolongamento dessas passagens nocturnas, abrem-se portas de casas millenarias, armadas de informes vestigios de inscrições e esculturas ; roçamos enormes pedras monstruosas, de envasamento, contemporaneas, por certo, dos reis hebreos. Neste crepuscular de tarde, sentem-se os objectos como impregnados de incalculaveis myriades de mortos ; nota-se, n'um vago de agonia e anciedade, o amalgama das edades mortas pezar sobre esta cidade, envolvida nos epizodios e factos da historia sancta, desde as legendarias origens de Israel..... Quantas revelações dos tempos mortos não dariam as excavacões feitas em este solo vetusto, se tudo isso não fosse tão vedado, e impenetravel, e hostil !

* *

(Continúa)

ADEOS

Adeos. Eu parto, o coração deixando
A teo lado, na terra de meo berço ;
Mas, ae, nem posso te beijar ! Chorando,
De longe apenas beija-te meo verso.

Eu te prefiro a tudo quanto existe,
E vou deixar-te, vou me ver sosinho !
Levo minha alma apunhalada e triste,
Sangrando pelas urzes do caminho !

Abre teo seio, guarda esta lembrança,
Este profundo e ultimo gemido ;
Nelle sepulto a ultima esperança . . .
Nelle amortalho o coração vencido.

Breve, talvez, alegre e descuidada
Vivas . . . Serás feliz . . . sel-o-hei sabendo
Que, em vez de triste, vives deslembraida
Do inutil sonho em que vivi gemendo.

Seria infamia te arrastar commigo
Por entre as rudes provações da vida.
Sem ter ao menos um seguro abrigo :
Melhor é ver uma illusão perdida !

Has de abençoar o pobre bardo afflito,
Ha muito á morte, ou á loucura exposto,
Quando, mais tarde, no teo lar bemdicto,
Forem os filhos te oscular o rosto !

Coritiba—Septembro, 1896.

ANTONIO BRAGA.

L'ÉTERNEL AMOUR !

Faites de votre cœur le sépulcre du mien
 Et de votre âme aussi la tombe de mon âme,
 Et votre corps sera comme un temple païen
 Où mon être ainsi qu'un parfum rare s'enflamme.

Les temps apporteront les lugubres hivers
 Comme après les matins se meurent les rosées
 Mais qu'importe ! magré le souffle des enfers
 De ce monde et de l'autre — ô ! les folles risées ! —

Nous vivrons, ô très chère, et pour l'éternité ;
 Jeunes et fiers, meurtris de volupté farouche ;
 Moi, faisant mon cercueil de toute ta beauté,
 Toi, de mon être entier les baisers de ta bouche !

JEAN ITIBERÉ



EXEQUIAS

Hoje, relendo a Biblia da existencia,
 Parei, chorando, em meio da leitura ;
 Havia em tudo emanacões da essencia
 De teo sorriso e minha desventura.

Em cada trecho, eu ia relembrando
 O teo perfil esplendido e sonoro,
 — Sombra que passa, celere, cantando
 A minha mágoa, pela tuba de ouro.

E, como sombras hypnotizadas,
 Passa, chorando, o triste amor desfeito,
 O cortejo das almas desgraçadas ;

E ris ; teo riso é como uma ironia
 Que vem desabrochar dentro em meo peito
 O eterno lotus da Melancholia.

JULIO PERNETTA.

RESPIGAS

Com o Cenaculo

Do *Estandarte* (S. Paulo) :

«O CENACULO. — Temos presente o fasciculo n.º 44 desta importante revista que se publica no Paraná. Traz o retrato do dr. Mello Moraes Filho, a quem é consagrado na primeira pagina a historia de sua vida.

Este illustre brazileiro muito tem feito em prol da catechese e instruccion dos Indios. O CENACULO vem cheio de boa litteratura e poesias.»

Do *Expositor Christão* (S. Paulo) :

«Primoroso o fasciculo 44. do O CENACULO, importante revista litteraria coritibana. Consagrada á momentosa questão da civilisação do selvagem brasileiro, estampa um bonito retrato do illustre dr. Mello Moraes Filho, cuja penna rutilante tem sido consagrada a tão sancta quão patriotica e humanitaria causa.

«Entre os bellos artigos que abrillantam as paginas d'O CENACULO, douz nos agradaram especialmente:— O SELVAGEM BRAZILEIRO, de Julio Pernetta, e ABARÉ ! ABARÉ ! de Romario Martins.

«O primeiro será em breve transcripto n'O Estandarte e o segundo fará hoje as delicias dos nossos leitores.

«E' um presente de alto valor que lhes fazemos.»

Da *Folha Popular* (Minas) :

«Enriquece a nossa estante mais uma preciosa publicação litteraria, O CENACULO, editado em Coritiba, Paraná, por um grupo de conhecidos escriptores que são : Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

«E' uma publicação de inestimavel valor, um contingente preciosissimo para o revigoramento da litteratura patria.

«Agradecendo effusivamente os fasciculos que nos foram remettidos desejamos a continuaçao da remessa.»

Da *Folha da Apparecida* (S. Paulo) :

«Recebemos ainda uma vez a agradavel visita do OCENACULO, a brillante revista Coritibana, onde a par de outras pennas adestradas na arena jornalistica, flammeja a adestrada e adiamantina penna de Julio Pernetta.

«Gratos pela gentilesa da visita. A nossa modesta «Folha» lá irá.»

Do Guayra (Guarapuava) :

«Recebemos o 44 fasciculo do *O CENACULO* de Coritiba. Como sempre, traz excellentes producções litterarias, e uma ligeira biographia do fecundo escriptor brazileiro, Dr. Mello Moraes Filho. Desta vez *O CENACULO* occupou-se de estudos sobre os Indios. E' thema vasto ; neste terreno ha muito que elucidar, muitos estudos a fazer, e muito que aprender. Se, de facto, tratassemos de serias investigações quanto a origem, raças, linguas, usos e costumes dos autochtones da America do Sul, prestariamos um verdadeiro serviço a anthropologia, e ethnologia, auxiliando os sabios que se dedicam a esses estudos. Ainda é tempo de fazer-se alguma cousa.

«Mas é muito provavel que muitos fios, que possam servir para ponto de partida a guiar o diligente prescrutador neste inextrincavel labirintho, se venham a perder, como já perdidos estão inumeros e preciosos elementos. De muitas tribus, outr' ora fortes e respeitadas, apenas encontramos as sepulturas mudas, occultando para sempre talvez informações valiosas, que teríamos colhido do seo dialecto, usos, tradições e lendas. As hordas indigenas diminuem de anno em anno espantosamente, e por isso seria a desejar que homens competentes tratassem, enquanto ainda é tempo, destes estudos.

«Sentimos que o acanhado espaço não nos permitta escrever alguns artigos dedicados a tão importante materia, porque, vivendo ha muitos annos em contacto com os indios do Paraná, e tendo-nos dedicado a estudos que mais tarde abandonámos, poderíamos contribuir com alguns apontamentos, e dados colhidos pelo largo espaço de mais de trinta annos.

«Devemos com todos os nossos esforços animar aquelles que tentarem fazer essas uteis investigações, e que não se deixam intimidar pela aridez de semelhantes estudos, habilitando-se a contribuir um dia com material preciosissimo para a historia antiga do continente de Colombo.»

Temos tambem recebido : *A Nova Revista*, fasciculo 6 ; *Sirius* n. 42, *O Estudante*, *A Guitarra* (Rio) ; *Silva Jardim* e *Gazetinha* (Porto Alegre) ; *O Pão* (Ceará) ; *Gazeta Postal* e a *Luz* desta capital; *Bohemia*, *Revista Azul* e *Tymburibá* (S. Paulo) ; *Commercio* (Uruguayana) ; *Estado do Amazonas* (Amazonas).

